

NOTAS "PRO DOMO"¹²

Como pretende o imperador, depois de tantas incoerências, perseguições e despotismos, que a nação tenha entusiasmo e confiança em seu governo, e em suas inchadas proclamações? Como ele se tem atribuído o monopólio da administração, não são os seus miseráveis ministros que desaparecem como relâmpago, mas ele que fica pessoalmente responsável de todas as desastrosas medidas do governo, e dos reveses do Exército.

Quando os brasileiros acordaram do sono pesado da opressão européia, quiseram ser um povo livre e independente, e sonhavam gozar da segurança e justiça e das imunidades do direito constitucional; porém qual será agora o seu abatimento e desesperação, vendo-se enganado e sofrendo males piores que os do antigo sistema colonial? Sem liberdade, sem propriedade, sem segurança legal. E será inespérado, e impossível, que arisquem um dia tudo para realizarem enfim [illegível] seus desejos ardentes? Mas então, que transorno geral, e que de males resultantes?

¹² *Pro domo*, da expressão *pro domo sua*, "para a própria casa". Significa que se fala ou escreve em causa própria ou para uso interno. (Título do autor.)

Um governo pode como um particular cometer impunemente muitas injustiças e vexações, quando possui riquezas, quando sabe aliciar homens distintos pelo saber e influência política; mas sem finanças, e rodeado da mais desprezível gente, é impossível não ser destruído ou vilipendiado. Então é de temer que o povo acorde enfim com furor do sono amodorrado em que jaz, ou que não despedace as fracas cadeias que o agilhoavam.

Se em toda parte o trono tem necessidade de rodear-se de esplendor, e de ganhar corações pela sua liberalidade e magnificência, muito mais o tem o do Brasil, cercado de repúblicas, e povoado por homens que não conhecem outras distinções sociais, que ser brancos, e ter dinheiro. Os que seguem a corte não têm esperança de independência. [illegível] mas só de ridículos títulos e fitas, que perdem valor, pela má escolha e distribuição.

O imperador tinha só dois caminhos a seguir, ou ser verdadeiramente constitucional, ou absoluto; no primeiro caso nada tinha que temer dos brasileiros, no segundo corria grandes azares, mas com juízo e constância poderia obter seu fim; mas hesitando constantemente, seguindo as circunstâncias, decerto há de vir a ser vítima sem falta. E que remédio haverá? Um único, começar a ser sincero e decidi-

do, ter bons e sábios ministros, aliciar os homens de talento com favores e seguranças, e influir nas eleições futuras. O meu erro principal, como ministro, foi crer na virtude dos homens, e na sua gratidão — máxima que honra o coração, mas contraria a verdadeira e prudente política do homem de Estado.

Quando um governo escolhe para dirigir o Estado, homens sem educação, e sem nobreza social, corre grande risco, porque os homens, quando recebem honras e cargos que não merecem, tornam-se presumidos e soberbos.

Em política e religião, quanto menor é a diferença de opinião, tanto menos os partidos e tão dispostos a fazerem concessões recíprocas; assim no Brasil nem os concurdas, nem os demagogos quiseram convir com os constitucionais, na minha demissão ambos os partidos, *having the power to do wrong*,¹⁶ como diz um poeta inglês, favoreceram as loucuras do imperador.

No Brasil os concurdas eram mais consequentes e assistidos; mas os patriotas que queriam uma democracia com um monarca de teatro eram doidos ou bestas; pois além da

¹⁶ "Com o poder para agir errado.

despesa inútil de uma corte, era fregar o imperador a atacar a Constituição, ou a ser uma peça social nula, e desprezível. Enquanto o Império não se consolidar e enriquecer, vale alguma coisa o ter um senado, se não hereditário, ao menos conservador, e vitalício.

Os homens por cujas veias corre sangue ibérico não são feitos para república, mormente se no sangue têm alguma mescla africana; e se a sua religião é a católica. Daqui concluo que o melhor sistema de governo que o Brasil pode ter é a monarquia temperada, com instituições análogas às da Grã-Bretanha.

LISONJA CONTÍNUA

A lisonja contínua de seus falsos amigos áulicos o faz crer que dizem verdade; e por isso acha só prazer em conviver e ouvi-los. Perdida, por orgulho e [ilegível] confiança aos traidores, e anarquistas, ainda quando os cresse criminosos — realmente juízo que por indolência não pode verificar. Despreza a mulher, porque era um dever amá-la, e progrida na devassidão para ensurdecer a consciência, ou a divertir-se com bonecas. Apesar de todos esses defeitos tem